

Apocalipse: a mensagem de esperança

José Eduardo Vissoto Rodrigues

Mestrando em História – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0009-0007-8467-4377>

E-mail: eduardo.vissoto@gmail.com



Resenha de:

SOLANO, Luiz Alexandre Rossi; PERONDI, Ildo. *Apocalipse: a força da resistência dos pobres*. São Paulo: Paulus, 2021. ISBN: 978-65-5562-407-6.

Texto recebido em: 03/05/2023

Texto aprovado em: 04/12/2023

Eis que ele vem com as nuvens,
E todos os olhos o verão,
Até mesmo os que o transpassaram,
e todas as tribos da terra
baterão no peito por causa dele.
Sim! Amém!

Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, “Aquele-que-é,
Aquele-que-era e Aquele-que-vem”, o Todo-poderoso.

Apocalipse 1, 7-8.

A leitura e interpretação do livro do Apocalipse, ou Apocalipse de São João como alguns autores atribuem autoria a João, o Evangelista, sempre foi sinônimo de discussão na comunidade cristã, desde sua formação na igreja primitiva, passando pela reforma protestante e chegando aos dias atuais, ainda que a experiência cristã contemporânea vivencie tamanha multiplicidade ideológica.

De fato, a experiência cristã contemporânea está longe de qualquer tipo possível de comparação que possamos cogitar quando pensamos as vivências da igreja primitiva, período em que o livro do Apocalipse foi escrito, mas então por que um livro tão tradicional e fundamentado para os cristãos ainda se faz palco de um fervoroso debate e divergências interpretativas? Ora, a resposta para tal pergunta se

revela de forma simples por meio da prática empírica, basta iniciar a leitura do livro sem estudos ou conhecimentos prévios que o leitor esbarrará com um texto extremamente complexo, carregado de simbolismos e conexões com outros textos bíblicos, exigindo um esforço hercúleo por parte do leitor para concluir a leitura do mesmo e, de fato, compreender a mensagem do livro de forma racionalizada e organizada, como defenderam os escolásticos e patrísticos tão ferozmente.

Daí surge-se a proposta do livro de Luiz Alexandre Solano e Ildo Perondi, fornecer a um leitor leigo em estudos teológicos e históricos um guia racionalizado e sistematizado para que ele consiga iniciar seus estudos sobre o livro do Apocalipse, removendo permanentemente a penumbra que embaralha o entendimento organizado sobre o escrito joanino. Os autores fazem uma comparação de que a leitura do Apocalipse é como “uma casa fechada” que basta se ter a chave correta para facilmente destrancar a porta e adentrar, entretanto, sem a chave correta tal ação torna-se impossível.

O livro é escrito em um vocabulário surpreendente acessível, dado a complexidade da proposta trabalhada, utilizando-se de um jogo de palavras que se fazem de forma profundamente orgânica e seguindo um encadeamento epistemológico bastante didático. O texto possui um total de oitenta e quatro páginas, dividido em três capítulos, sendo eles: Como ler o Apocalipse, Comentário ao texto bíblico e Simbologia bíblica.

O primeiro capítulo se encarrega de iniciar as discussões sobre a importância de se ter estudos prévios e guias epistemológicos para se ler o Apocalipse. O texto se inicia por meio de algumas considerações gerais, pontuando questões basilares, porém fundamentais para o estudo racionalizado e organizado do livro.

Luiz Alexandre e Solano Rossi pontuam questões como: a importância de se entender a opressão do império romano sobre as comunidades cristãs em seu início, ler o livro todo e não ler frases isoladas ou trechos, entender que a mensagem do apocalipse como o livro da esperança dos povos cristãos e não como uma distopia demoníaca comumente interpretada pelos leigos.

Portanto, o Apocalipse é um livro de esperança! É um livro que contém sete Bem-aventuranças (Ap. 1,3; 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7; e 22,14). É a resposta de Deus a um povo que sofre a perseguição e, apesar disso, se mantém fiel, resiste, denuncia, persevera, celebra, canta e espera na certeza de que um novo irá chegar! (Solano; Perondi, 2021, p. 6).

Posteriormente, os autores tentam situar leitor na atual discussão sobre as possíveis autorias do livro do Apocalipse, pois ainda que se faça claro a revelação do escritor se apresentando como, João “o servo” (Ap. 1,1), não nos é fornecido nenhum título o acompanhando como por exemplo, apóstolo, discípulo, diácono etc. Justamente por isso não podemos afirmar com plena certeza se tratar de João, o Evangelista, pois só temos a informação de que o escritor de o Apocalipse era cristão e estava em cárcere devido a sua fé em Jesus. Portanto, se mostra um esforço frívolo tentarmos pontuar precisamente a autoria do livro do Apocalipse.

Por conseguinte, Luiz Alexandre e Ildo Perondi apontam sobre a localização cronológica do livro do Apocalipse, onde segundo os mesmos o livro estaria situado próximo dos anos 95-96 d.C., ou seja, no final do século I, próximo do fim do império de Domiciano. Também comentam sobre o público-alvo do escritor de Apocalipse, sendo esse público toda as igrejas que estejam sofrendo sobre o domínio de Domiciano, ainda que nos seja falado por diversas vezes o número 7 ele não possui função de exatidão, mas realiza um papel simbólico e místico.

Deve-se ter em mente que, as comunidades dominadas pelos romanos eram escravizadas, tributadas e subjugadas para que o império se tornasse cada vez mais rico. Para que o império prosperasse era necessário um empobrecimento dos povos conquistados para que a aristocracia romana mantivesse seus privilégios e modo de vida.

No segundo capítulo os autores fazem comentários pontuais e diretos sobre todo o livro do Apocalipse, desde seu prólogo, passando pelas cartas às sete igrejas, comentando sobre as imagens escatológicas da abertura dos selos, o dragão e a besta, o cordeiro vencedor e por fim o julgamento das nações que guia à nova Jerusalém.

No terceiro capítulo, o capítulo de maior volume da obra, os autores reservam o final do livro para tratar exclusivamente da simbologia presente no livro do Apocalipse, elemento presente durante toda a obra, sendo peça fundamental para uma interpretação racionalizada e coerente.

Luiz Alexandre e Ildo Perondi iniciam o capítulo explicando a simbologia das cores presentes na obra. O branco significa a vitória dos eleitos, ou seja, aqueles que seguem a Deus, possuem pureza e buscam descender através da divindade; O vermelho simboliza assassinato, violência, sangue, guerra e perseguição; O preto simboliza o sofrimento, fome, ausência de paz, miséria e tormento; O verde simboliza a pestilência, doença, morte patológica e decomposição cadavérica; Por

fim a púrpura e o vermelho vivo (escarlate) simboliza o luxo, riqueza, dignidade e realeza.

Posteriormente adentram no campo da simbologia dos números, algo que também se revela com extrema presença em todo o texto joanino. O número 1 representa Deus, pois ele é único; O número 3 simboliza a divina trindade; O número 3,5 representa o tempo limitado; O número 4 simboliza toda a terra e os quatro elementos essenciais pré-socráticos (água, fogo, terra e ar); O número 6 representa imperfeição, por isso ele se repete três vezes (666) ao longo de todo o livro, retratando a carência e fracasso; O número 7 significa plenitude; O número 8 vem associado a Jesus, pois simboliza a plenitude completa, ou seja, o número que vem após o 7, simbolizando a plenitude suprema alinhada a Deus; O número 10 representa o esforço humano, faz paralelo aos dez dedos da mão; O 12 simboliza perfeição e totalidade; O 24 representa o povo de Deus; O 40 representa o tempo de Deus, ou seja, o tempo que leva para que haja a sagrada libertação; O 42 corresponde aos males; O 144.000 equivale aos eleitos de Deus; O 1000 reforça a ideia de tempo completo, logo, o tempo de Deus, portanto o tempo de uma vida alinhada com a divindade.

Por seguinte é explicado a simbologia presente nos elementos da natureza; O ouro como sinal de riqueza; A estrela como presença angelical ou divina; A pedra branca como símbolo de inocência; O barro equivalendo a fragilidade humana; O ferro como representação do poder; O cristal representando clareza e ausência de mal; O abismo como equivalência de condenação; o arco-íris como símbolo de onipotência; O trovão como a voz de Deus; O sol e a lua que significam a criação servindo ao povo de Deus; A serpente que faz alusão tanto ao Império Romano quanto a Satanás; E por fim o mar como equivalência ao caos e o mal.

Para terminar as simbologias os autores apontam sobre as simbologias dos animais presentes no livro do Apocalipse; Aqui o leão, touro e águia assumem papel principal juntamente com o homem, pois representam os seres vivos mais fortes do mundo físico e fazem alusão aos elementos que formam o ser humano sendo eles respectivamente: sentimento, instinto, intelecto e rosto; O cordeiro aparece fazendo alusão direta à Jesus Cristo; Os cavalos representam o poder bélico dos exércitos; O escorpião simboliza traição; Os gafanhotos referenciam as pragas do Egito presentes no Antigo Testamento; A cobra simboliza um poder letal; O dragão simboliza o mal encarnado. A águia representa a proteção divina. Por fim, a pantera equivale ao significado de crueldade.

Algo que merece destaque na obra de Luiz Alexandre e Ildo Perondi é uma tabela presente nas páginas finais do livro onde eles se encarregaram de listar todas as nomenclaturas que se referem a Jesus de Nazaré presentes no livro do Apocalipse, juntamente com suas respectivas referências bíblicas.

José Eduardo Vissoto Rodrigues é Mestrando e Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, São Paulo.

Como citar:

RODRIGUES, José Eduardo Vissoto. Apocalipse: a mensagem de esperança. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 2, p. 254-258, jul./dez. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br. Resenha de: SOLANO, Luiz Alexandre Rossi; PERONDI, Ildo. *Apocalipse: a força da resistência dos pobres*. São Paulo: Paulus, 2021.